

MARIA HELENA ARAÚJO

AIRAM

O CAVALINHO SEM MEDO

2.^a EDIÇÃO

COLEÇÃO PEDAGOGIA VERDE



1.134.3-3
RA

MARIA HELENA ARAÚJO

Ao grande doutor Victor Pinho,
afonso, com muita amizade a carca
branca do meu cavalinho ~~se~~
medo

M^{ra} Helena Araújo
17-9-94



Borabone
Zona

AIRAM

O CAVALINHO SEM MEDO

2.^a EDIÇÃO

5000

ILUSTRAÇÕES GONÇALO NUNO

EDIÇÃO DA AUTORA

DEPOSITÁRIA / LIVRARIA FIGUEIRINHAS / PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO / INOVA-ARTES GRÁFICAS / PORTO

FEVEREIRO 1981

AOS MEUS AMIGUINHOS:

Jean Pierre / Carlos Manuel / Ana Sofia / Julieta / Alexandra / Cristina / Genoveva / João Pedro / Rui / Sónia / Patrícia / Sara / Carla / Maria da Graça / Maria Luísa / Maria Isabel / Maria Emília / César / Carlos Alberto / Eva Luzia / Susana / Marta / Henrique / Luís / Pedro / Bruno / Ana Maria / Rosa Maria / Miguel / Manuel / Ricardo / Fernanda / Bernardo / Rita / Edmundo / Helder / Filipe / Maria / Joana / Jorge / Constança / Rodrigo / Fernando Alexandre / Francisco / Anacleto / Mónica / Mário Pedro / Eduarda Manuela / António Eduardo / Paulo / Ângela / Helena / Filomena / Bernardete / Fernando / Catarina / Rafael / Maria do Céu / Teresa / Ema Gabriela / Ramiro / Ana / Clara / Cláudia / Maria João.

E ao Paulinho que subiu numa nuvem de Outono com os pássaros... com as andorinhas... e se foi... brincando

A TEMPESTADE

Perdeu-se no ar o canto dos grilos...

O sol caiu vermelho por trás do mar e pintou tudo de vermelho.

A cada momento se podiam descobrir no ar palácios abandonados vestidos de silêncio...

De repente, ouviu-se um barulho como de trovões. Pareciam muitos trovões ao mesmo tempo.

Airam olhou para um lado... olhou para o outro... e estremeceu.

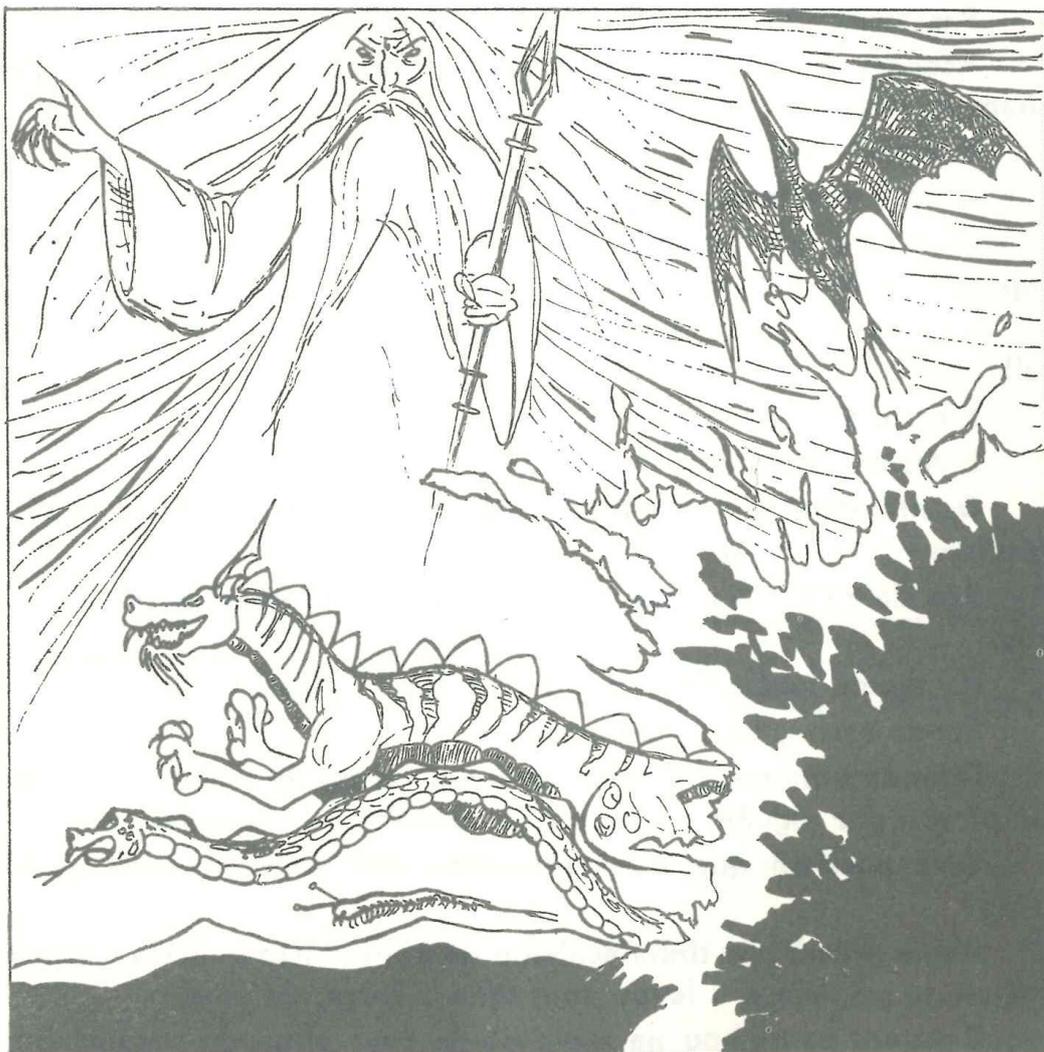
Será Neptuno, o deus das tempestades, que soltou os ventos?

Ele vive debaixo da Terra, numa cabana com uma porta vermelha.

E foi mesmo...

Neptuno, cansado de aturar monstros e dragões debaixo da Terra, abriu a porta e os ventos saíram.

E no meio dos ventos vinham monstros e dragões.



Passavam por cima dos telhados a gritar.

Acordavam os bebés; deitavam ao chão os velhinhos e punham as pessoas todas a chorar...

E Airam perguntou:

— Por que fazeis isso?

— Temos que mudar o mundo. Primeiro vamos destruí-lo e depois fazemos um melhor.

— Mas não tendes pena de fazer sofrer as crianças e os velhinhos?

Eles não responderam.

E Airam teve pena.

Os monstros tinham olhos tristes e mãos negras. Eram muito infelizes.

São de certo — pensou ele — pessoas encantadas em monstros...

Há tantos lobisomens a correr fado...

Sendo assim, faz falta amor.

Quando uma pessoa corre fado em forma de bicho, é preciso ser picada por alguém muito amigo que lhe faça sangue.

Será possível que estes monstros não tenham quem goste deles?

Ainda Airam não tinha acabado de pensar isto quando o vento chegou ao pé dele e o levou com toda a força, de roldão.

E Airam caminhou na tempestade com alma de passarinho.

O MONSTRO SAPO

O vento fez Airam dar cambalhotas nas pedras.
De repente, Airam viu à sua beira um sapo monstro.
Tinha olhos de diabo, nariz de coruja, garras de águia...
sei lá...

Airam esfregou os olhos para ver se estava a ver bem. Depois, abriu-os muito e o monstro sapo já deitava fel pelos olhos em todas as direcções. Parecia uma chuva de flechas e picava toda a gente.

Airam pensou:

— Estou a sonhar. Isto é um pesadelo.

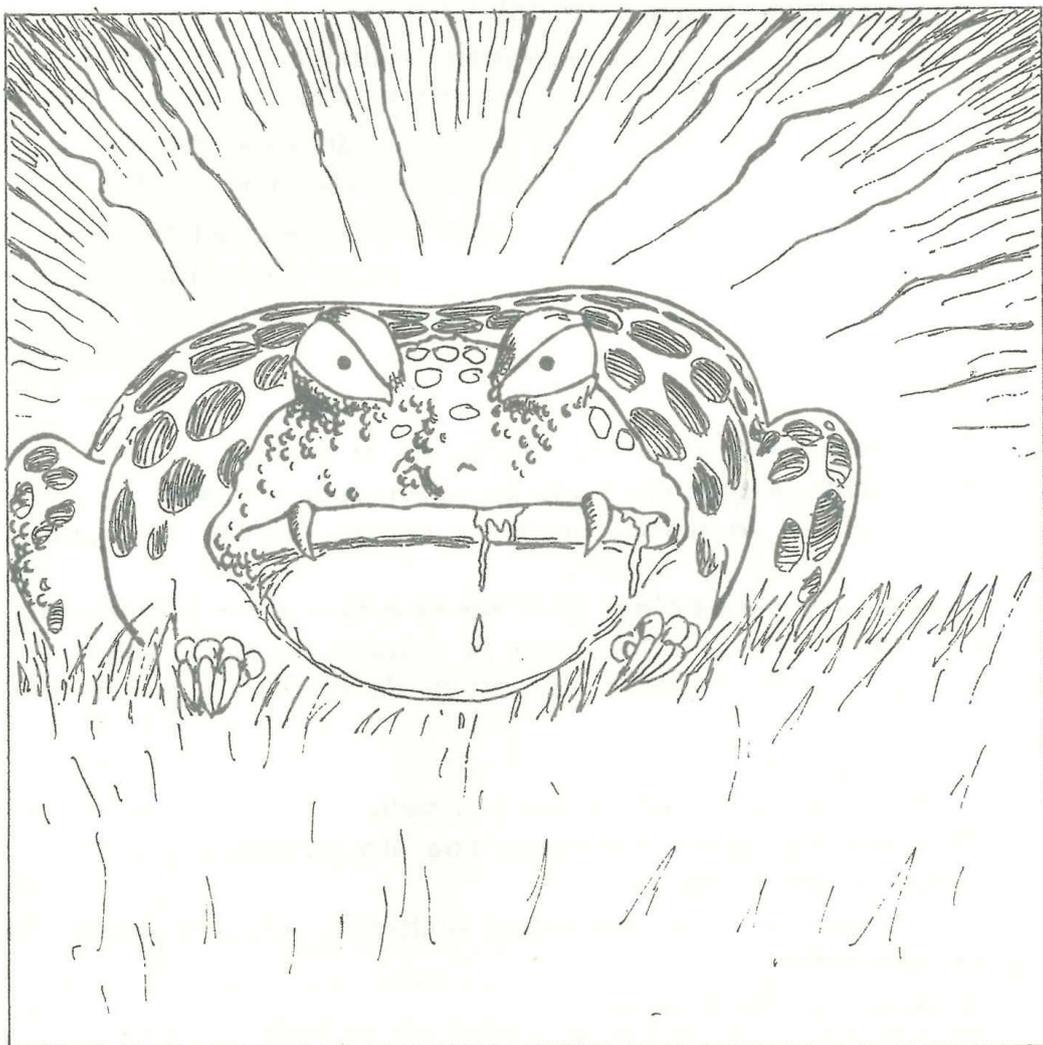
Mas ouviu-o falar e conheceu que era pessoa.

Então Airam disse:

— Tenho que tratar bem este bichinho. Ali, por baixo, há alguém que sofre.

E espalhou flores no ar.

O monstro sapo chamava-se EZM.



O MONSTRO CAMALEÃO

Ao lado do monstro sapo EZM, sem se saber como, apareceu um camaleão.

Era elegante...

Tinha ar de gente e até parecia uma pessoa a sério.

E o cavalinho pensou:

— Quem andará ali?

O nome deste monstro era SACET.

Mas era tão simpático, falava tão bem, que Airam perguntou:

— Que pensas desta tempestade?

E o monstro respondeu:

É uma desgraça. Temos que ser fortes e enfrentá-la.

— Ficamos então aqui até ao fim, juntos, para vencer? — perguntou Airam.

— Claro, somos sangue puro, não temos outro caminho.

E Airam respirou fundo. Camaleão escondia uma pessoa boa e seria fácil atravessar com ele aquela tempestade.



A VIAGEM DE AIRAM

Quando deu conta, Airam estava no meio do bosque.
Apareceram lá, vindos de vários lados, mais quatro cavalinhos.

Hi óh hi óh hi óh...

Isto, na linguagem dos cavalinhos queria dizer:

Olá, amigos, bom dia! Vamos fazer uma viagem juntos?

E pelos ares ouvia-se a resposta:

Hang hyng ih uh, que queria dizer:

Boa ideia, apoiado.

E foram atrás das libelinhas azuis que voavam em direcção à luz.

Foi assim que descobriram uma clareira no bosque.

LIBERDADE

IGUALDADE

AMIZADE

FRATERNIDADE

Nessa clareira havia uma pedra grande, pousada em rolos de madeira.

Era uma pedra engraçada. Parecia uma flor. Era quase como um cravo. E tinha escrito nas pétalas: Liberdade, Igualdade, Amizade, Fraternidade.

E os cavalinhos disseram:

— Isto é lindo!... Vamos fazer um juramento?

E levantaram todos a pata direita no ar, dizendo:

— Nós, cavalos, juramos fazer uma viagem juntos e ser amigos leais e fazer o bosque livre.

E partiram de braço dado.

Iam descobrir flores e ensiná-las a pensar...

Depois, dariam a volta ao mundo a cantar amor.

A HORA DO ALMOÇO

Mal tinham começado a viagem, Airam encontrou um ribeirão que saltava nas pedras e cantava como os pássaros.

Então, chamou os companheiros e disse:

— Amigos, vamos beber água pura, flores e nuvens que passam no céu?

Olhem, são flores de giesta e mimosas amarelas, quentinhas e lindas...

Mas os outros cavalinhos preferiram comer erva. Erva que já estava envenenada pelo monstro sapo e pelo camaleão.

E deram saltos no ar. E uns relinchos esquisitos.

E começou a ficar escuro. Parece que vinha lá longe uma grande trovoadas.

Os cavalos, aos saltos, pisavam as flores, as canções dos pássaros, a lua e as estrelas de Março.

E começaram a ficar maus.

Foram buscar o nevoeiro e esconderam a erva para que Airam não a visse.

E começaram a bater em Airam por não ver a erva.

Airam disse:

— Que é que fizeram à erva?

E os cavalos responderam-lhe:

— Tu duvidas de nós?

Tu calunias, blasfemas, és indigno de estar no meio de nós.

Morte a Airam!

Mas olharam para o lado e viram Notlima amarelo, caído no chão.

Notlima era um cavalo grande mas fraco. Procurava a direcção do vento para caminhar com menos custo. Agora já estava tão enfraquecido que só a brisa bastava para lhe dar a direcção. Estava ali, caído no chão, e já se lhe não viam as pernas. As moscas passava por cima dele, de um lado para o outro...

De repente, começaram a aparecer umas letras pretas que diziam assim: «Farinha de mandioca».

E ficou transformado num saco.

Pobre Notlima! Foi a primeira tragédia desta caminhada.

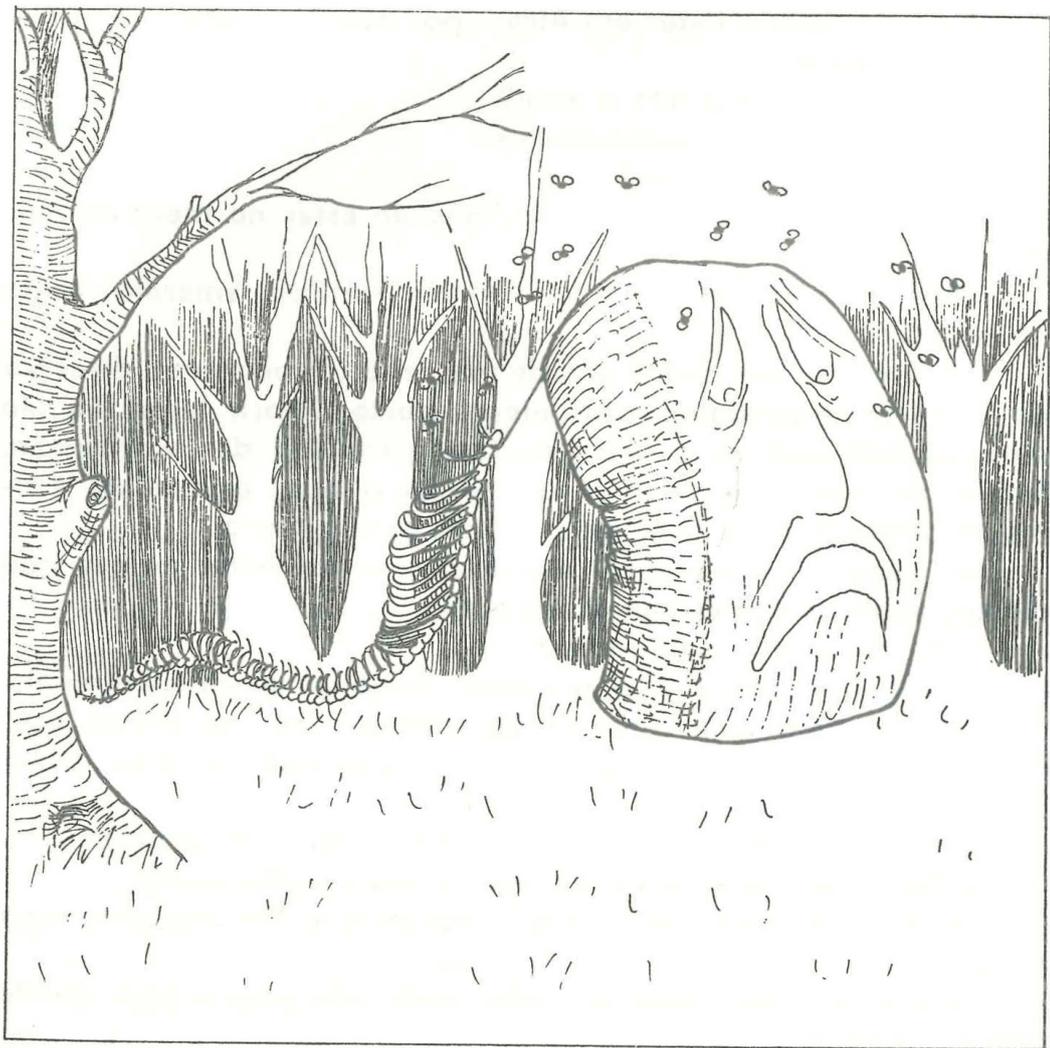
Foi de certo algum bicho da floresta que lhe deitou mau olhado e o pobre cavalinho ficou ali, estendido no chão, como um saco.

Mas os outros cavalinhos punham-lhe flores ao pescoço.

E foram procurar um esqueleto para ele poder andar.

Mas o esqueleto não colava. Tiveram que lho atar com uma guita.

E Notlima continuava no chão, inclinado para o lado donde soprava o vento.



NA AZINHAGA DAS FEITICEIRAS

Estavam a chegar à azinhaga das feiticeiras.

Ali, o caminho subia e descia como um carrocel, vermelho como as papoilas de Junho.

As nuvens entristeciam o céu e as flores.

As árvores grandes do bosque tinham caído com o vento e choravam num silêncio esmagador.

Ouviam-se latas velhas a assustar os pássaros.

De repente, Airam sentiu-se só e chamou pelos cavalinhos:
Lora!

...E viu uma cobrinha a rastejar ao pé do saco da farinha de pau.

E chamou:

— Anif!

...E viu um bicharoco-pássaro de bico muito aberto. Tinha lá dentro uma serra de dentes e um bico tão recurvado que metia medo.

Depois chamou por Ara e viu um lacrau a mexer-se.

— Amigos, onde estais? — perguntou o cavalinho.

— Que vos aconteceu?

Ninguém respondia.

O Camaleão dizia:

— Airam, o grande, Airam, o valente, Airam, o melhor, o bom, p'ra frente, Airam!

Mas os outros cavalinhos transformados em bicharocos diziam:

— Airam é inferior. Tem que morrer!

Começaram aí dias difíceis para Airam.

O Camaleão, com medo dos monstros, mudou de fato.

Airam viu morrer uma a uma as promessas juradas à partida.

Era como subir num raio de sol para ver a Primavera e assistir à morte de todas as flores em botão.

Os monstros começaram a picá-lo com silvas negras, a espetar-lhe setas, a dar-lhe patadas.

— Sai daqui, cavalo inferior, bicho nojento. Fora!

Mas os passarinhos trouxeram-lhe a música das flores e Airam nem sentia os picos a entrarem na pele, nem ouvia aqueles ditos venenosos.

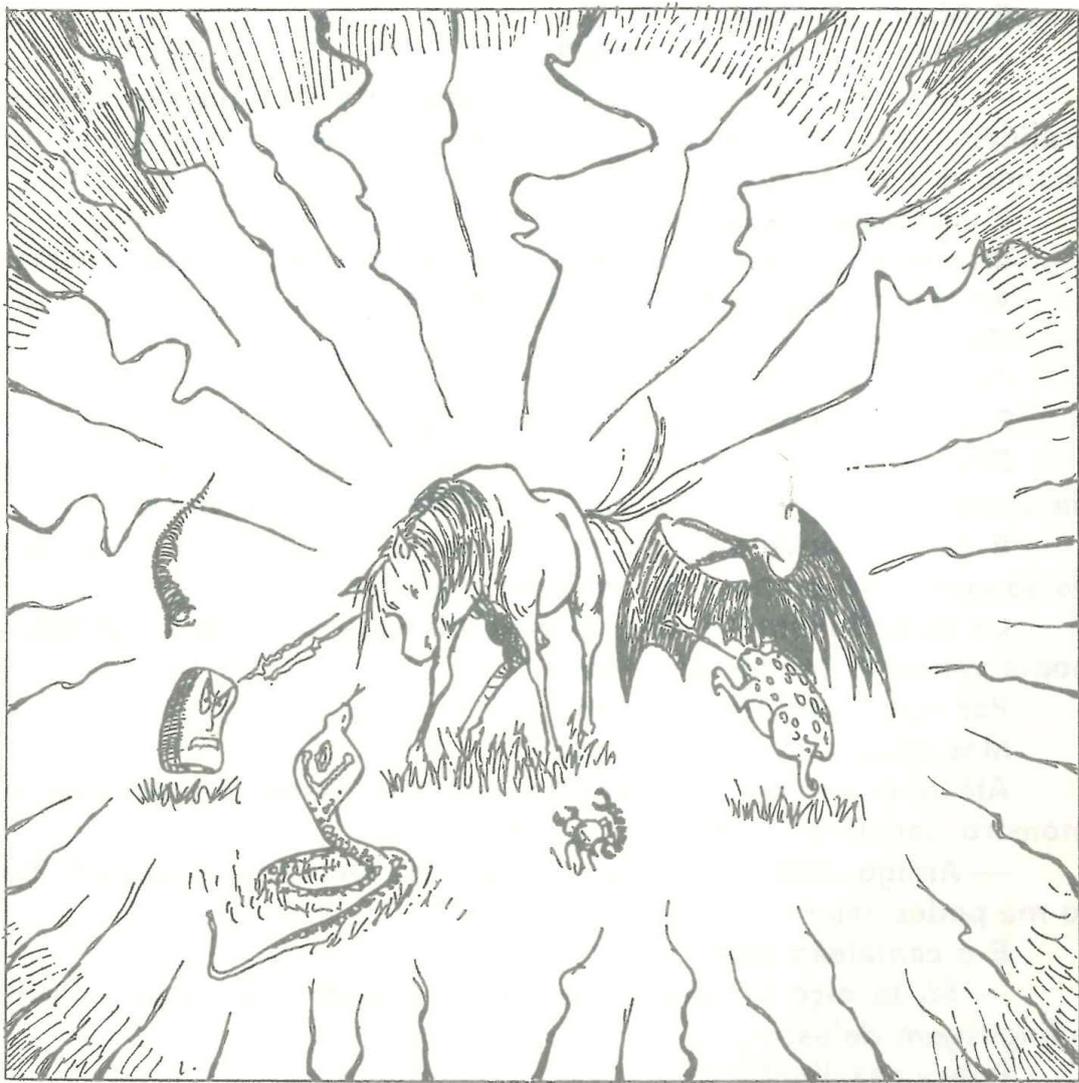
Numa altura, voltou-se para eles e disse:

— Meus amigos, acordai, que estamos a viver um pesadelo.

O ar está poluído e a terra suja.

E os monstros disseram:

— Tu blasfemas. Tens que morrer. Cometeste crimes. És bicho, és minhoca, és salamandra.



E Airam perguntou:

— Mas que crimes cometi?

— Não sabemos. Cometeste crimes, fizeste, fizeste, fizeste grandes crimes. És bicho, és... és... és. Não és digno de viver no mundo dos monstros.

E começaram a rir... a rir...

Davam gritos de meter medo aos penedos velhos dos montes.

As andorinhas foram para outros países.

Os peixes morriam nos rios.

Os regatos cresciam a chorar.

Era o reinado do grande monstro Sacov.

Este monstro tinha olhos amarelos, dentes compridos feitos de ossos e corpo de gazela. Dava guinchos de meter medo.

E Airam continuava de pé. Ele sabia que era um cavalinho de sangue puro e nunca poderia ser vencido.

Os pais tinham-lhe dito que se dissesse sempre a verdade, podia vencer o mundo sozinho.

Por isso, resolveu ficar de pé.

Mas apanhou, apanhou, apanhou...

Até que um dia, com feridas até aos ossos, foi ter com o monstro camaleão e disse:

— Amigo camaleão, preciso falar-te. Querem-me matar. Só tu me podes valer.

E o camaleão disse:

— Só te oiço no meio dos outros monstros e só se falares a linguagem deles.

Pobre cavalinho!

**Tão trabalhador e puro, amigo dos regatos e das libelinhas,
dos velhos e das crianças, do sol, da lua e do mar...**

Tão paciente e reflexivo...

Às vezes melancólico mas sempre amável como o verde relvado dos prados ou o mar azul do céu.

Ai se os monstros te compreendessem!...

Se eles soubessem fixar os teus olhitos profundos... brilhantes... serenos e firmes, onde o sol gosta de sonhar...

REUNIÃO DE DESPEDIDA

Estavam a chegar ao fim do bosque.

Mataram flores, estrelas, pássaros e árvores. Agora era preciso acabar com Airam que estava ainda de pé e continuava cavalo, a olhar de cima para eles.

Então os monstros pediram reforço.

E veio Alen. Este monstro vestia um fato para cada festa e sentava-se numa cadeira de mando. Gostava muito dessa cadeira e não há maneira de a deixar. Ainda agora, se virdes uma cadeira no meio do bosque com um monstro magrinho de nariz de coruja a mudar de fato, é ele o monstro Alen.

Mas o monstro Alen não fez nada. Foi-se embora ainda mais monstro. Depois veio o embaixador do grande monstro Sacov para fazer justiça.



E Airam pensou:

— Justiça de monstro, como será?

E foi ver.

O monstro chamava-se Ronandes.

Tinha olhos de monstro, patas de monstro. Voz de monstro. E tocava justiça numa flauta feita com a perna de um canário.

Prometeu justiça para o cavalinho.

Mas, quando se foi embora, disseram os monstros para Airam:

— Aqui quem manda somos nós. Vai-te embora, sai daqui.

Cometestes crimes, disseste a verdade, fora... fora... fora...

Mas o cavalinho não saiu. Ficou de pé, junto deles, para se despedir.

E os monstros construíram para Airam uma cabana com patas de galinha, na última encruzilhada do bosque.

O monstro que se portou pior foi o camaleão. Não estava seguro em nada do que dizia ou fazia. Mas tinha muito medo e batia em Airam para se fazer de valente. Senão, os outros monstros, o que pensariam dele?

E o cavalinho disse:

— Estou verticalmente só.

E desapareceu.

No fim de construírem a cabana para Airam, os monstros mandaram pelo vento veneno para todas as clareiras do bosque, para Airam morrer.

CAVALINHO BRANCO, CAVALINHO DE PÉ...

Era quase noite.

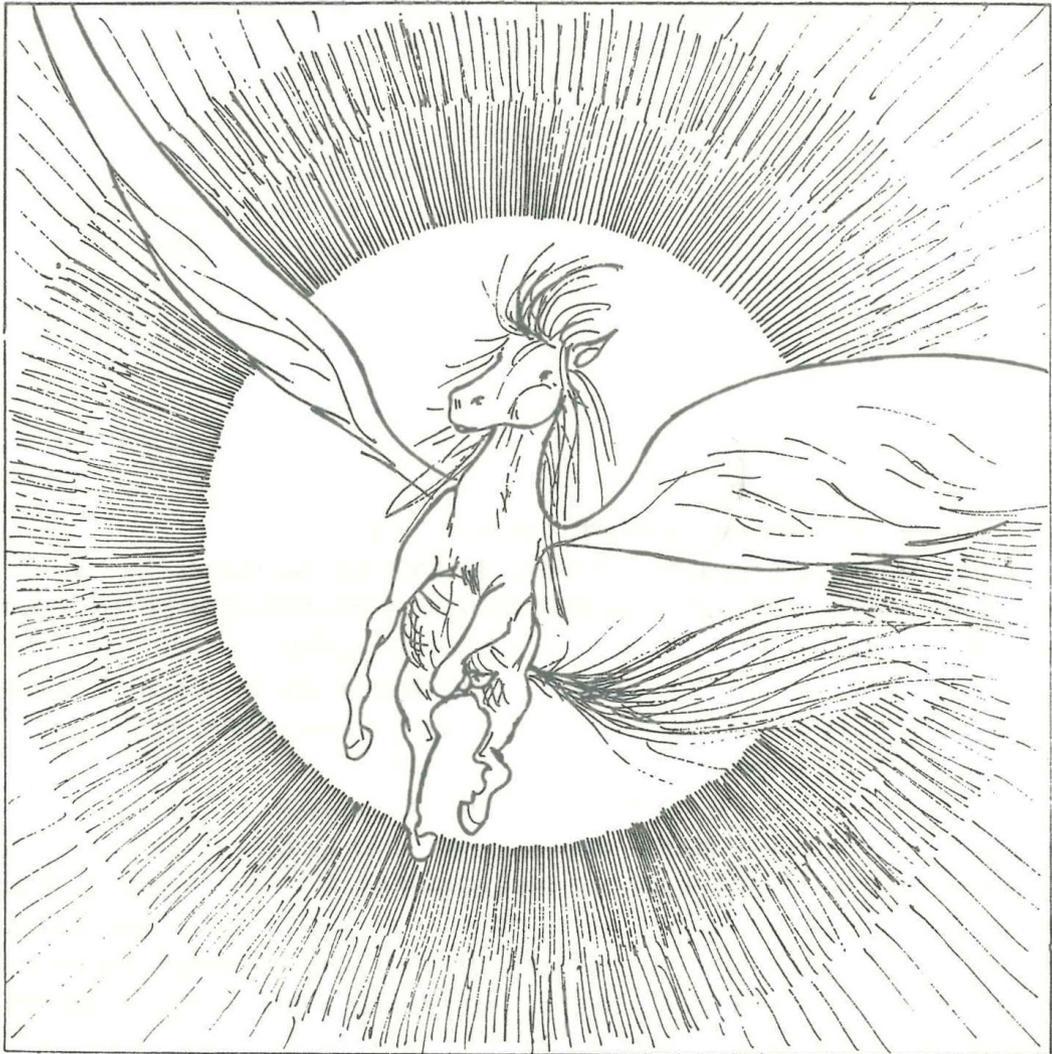
Estava a começar o Verão quente... quente...

No canto do bosque, mesmo ao pé da portinha, havia um carvalho muito velho. Tinha folhas verdes clarinhas e um buraco grande no tronco, onde dormia um duende velho.

Esse duende tinha barbas brancas e era muito sábio. Conhecia os segredos do vento e o canto dos pássaros e das flores.

E viu tudo o que fizeram ao cavalinho.

Então chamou os ventos daquele país e os que andavam perdidos pelas serras e pelos mares. Fez uma rodinha com eles, à volta da clareira onde estavam os monstros. E coisa maravilhosa: os monstros foram empurrados para dentro da cabana de patas de galinha. E ali estão eles ainda agora, ali, na floresta, onde se cruzam os caminhos das pessoas com os dos monstros e os dos bichos.



Cansado, Airam adormeceu, encostado a uma pedra.

E sonhou que levava às costas, pelos prados do céu, anjos e flores.

Deram-lhe um vestido branco, cheio de estrelas.

E a voz forte do duende velho dizia:

— Cavalinho branco, cavalinho de pé! Dorme um sono feliz. Os monstros também queriam ser cavalinhos brancos mas ficaram presos na cabana mágica. Não tenhas medo! Vais viver no país das flores acordadas, simples e boas, para não deixares entrar lá os monstros. Tu vais ser cavalo do mundo.

E foi buscar para o cavalinho a luz das estrelas, a música dos pássaros e a voz dos regatinhos da serra.

E fez-se dia.

Airam acordou e disse:

— Bom dia, alegria...

E começou a correr o mundo de pé... de pé...

Se vires, algures, um cavalinho a semear estrelas no céu de Portugal ou a plantar flores nas ondas, por favor, trata-o bem. É Airam o cavalinho sem medo.

AMIGO:

Este livro apresenta um cavalinho simpático mas não sabemos por onde anda nem o que terá feito na sua viagem através do mundo. Vamos escrever um livro para completar esta história.

Queres colaborar?

Podes escrever tudo o que pensas do cavalinho:

— O que viu na viagem.

— O que faz

— O que poderá vir a fazer.

— Os seus sonhos.

— Os seus desejos...

e será teu um dos capítulos do romance «Roteiro do Cavalinho».

Se quiseres manda o teu artigo e até desenhos para;

Clube do Cavalinho Branco

Centro Alvorada

FORJÃES — ESPOSENDE

Tens lá amigos da tua idade que guardarão o teu nome no ficheiro, como colaborador, num livro feito pelos leitores.

Querendo alguma resposta debes enviar postal ou selo.

Não te esqueças de mandar:

Nome, direcção, o nome e profissão dos pais e o que gostas mais de fazer.

À tua disposição

Clube do Cavalinho Branco (C. C. B.)

COLECÇÃO PEDAGOGIA VERDE

Papá sol tem muitas cores
Paro em 4 estações
Geometria... tria... tria...
Amigos do coração tim tam tão
Airam, o cavalinho sem medo
A lua é uma menina vestida de branco
...e aconteceu Portugal
Bom dia, noite, olá!
Presente de Natal (auto infantil)
Anax, o malmequer sonhador
Os 7 Anõezinhos

Fazia falta, nesta colecção, um conto de realidades sociais e vivenciais que fixe a nossa tradição oral, ponto de encontro do inconsciente individual com o inconsciente colectivo português.

Segundo os psicanalistas, o ar um tanto macabro de alguns dos nossos contos, desde que devidamente doseado, mostrando a presença do bem e do mal materializados nas personagens em que o Bem triunfa e o Mal tem o devido castigo, previne contra o crime pela certeza da punição correspondente.

Este conto, não versando objectivos dos programas escolares como está na linha estrutural da colecção «Pedagogia Verde», tem a preocupação de formar a personalidade do aluno com uma marca preventiva no inconsciente que responderá adequadamente a situações futuras.

Os nossos alunos, esmagados pela imagem televisiva, pelo barulho e pela corrida do tempo, são consequentemente vítimas também da falta de vivências e experiências pessoais, amadurecidas na solidão, o que lhes provoca outro tipo de solidão interior que é o desencontro dentro de si próprios e na sociedade em que vivem, causando-lhes instabilidade psíquica e inadaptação.

Desta maneira, o conto de fadas ou maravilhoso, constrói sadiamente o interior do indivíduo, fornecendo-lhe dados reais do mundo exterior e permitindo que o menino mate um dragão ou um gigante e se mantenha em boas relações com o pai. A menina, jogando no seu campo, pode usar defesas imaginárias, rejeitando um certo monstro que é a madrasta e viver em paz com a mãe.

O herói com quem as crianças se identificam é psicologicamente sadio, bom, equilibrado, lutador, forte. Transmite lições de vitória pela verticalidade e perseverança.

Mesmo que um conto atemorize a criança, esses aspectos tendem a desaparecer e ganham importância os traços de certeza dado que estes contos acabem sempre em bem.

Analisado nos seus três aspectos: psicológico, linguístico e axiológico é um trabalho aconselhado para os alunos da 2.ª fase.

Contém o tema «noivado animal», típico da nossa tradição popular com substracto cultural baseado nas tradições cristãs típicas do País, dum religiosidade nem sempre muito esclarecida que leva a mãe ou pessoa substituta a criar certos tabus sexuais nas crianças, formando dentro delas a ideia hedionda dum monstro. Só mais tarde, quando surge o verdadeiro amor, se sublima esta situação e daí a transformação dum monstro ou dum animal no marido ou na esposa ideais por uma picadela que provoque sangue.

Atinge o grau três da linguagem e assenta em estruturas superficiais — metáfora, etc. Apela para a compreensão dos problemas dos outros e exige para isso certa capacidade de abstracção e maturidade. Apresenta pinceladas de heroicidade características do mito grego.

biblioteca
municipal
barcelos



26945

Airarri o cavalinho sem medo